



Uma proposta biográfica aliada aos usos de História Oral e à pesquisa em um arquivo pessoal

A biographical proposal allied to the uses of Oral History and research in a personal archive

Jean Sebastian Toillier¹

Resumo

O presente artigo trata sobre uma pesquisa de doutorado em Educação Matemática em andamento na qual abordamos como a professora Lourdes de la Rosa Onuchic se constitui como educadora matemática. Para isso, discutimos como aliar em uma investigação com caráter biográfico a História Oral e a consulta ao arquivo pessoal da docente. Entendemos que a escrita biográfica deve priorizar a narração de uma vida em que vários aspectos sociais e as subjetividades estejam presentes. A História Oral tem como base os pressupostos metodológicos do Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem) em que não devemos tomar procedimentos de pesquisa estanques, mas pensá-los para cada pesquisa, dando um caráter de trajetória. No arquivo pessoal ressaltamos que tudo o que é guardado com uma intenção e que ajuda a explicar a constituição da própria pessoa. Assim, compreendemos que é possível realizar uma pesquisa aliando essas temáticas para constituir um estudo em História da Educação Matemática.

Palavras-chave: Lourdes de la Rosa Onuchi; Biografia; Narrativas; Autobiografia.

Introdução

A partir do início do ano de 2017 iniciamos uma pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (Ppgem) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Rio Claro, na qual gostaríamos de entender como se dá a constituição como educadora matemática da professora Lourdes de la Rosa Onuchic².

¹ Doutorando em Educação Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (Ppgem) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), *campus* Rio Claro. Docente do Colegiado de Matemática do Centro de Ciências Exatas e da Terra (CCET) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *campus* Cascavel. Email: jeantoillier7@gmail.com.

² A pesquisa conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A professora Lourdes de la Rosa Onuchic é nascida em dois de julho de 1931, na cidade de São Paulo. Em 1954 formou-se em Bacharelado e Licenciatura em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), em 1971 obteve o grau de mestre em Matemática pela Escola de Engenharia de São Carlos (USP) e em 1978 de doutora em Matemática pelo Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos (USP). Foi professora da educação básica e do ensino superior desde 1954, ministrou disciplinas em programas de pós-graduação de Matemática, de Educação Matemática e de outras áreas relacionadas ao ensino. Atualmente, é professora voluntária da Unesp, *campus* de Rio Claro, onde orientou e ainda orienta³ várias dissertações e teses na área de Educação Matemática⁴.

A sua jornada como docente iniciou aos 14 anos, porém de uma maneira informal, ministrando aulas particulares (Cavalari, 2013). Em 1955 começou efetivamente a sua carreira como docente após concluir a Licenciatura e o Bacharelado em Matemática cursados na Universidade de São Paulo – USP. Segundo Cavalari (2013), desde a época de sua graduação a professora Lourdes já estudava o ensino de Matemática, por meio de um grupo de estudos liderado por Omar Catunda⁵.

Com o seu início na docência a professora Lourdes começava a sua jornada na Educação Matemática. Durante muitos anos lecionou no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e no bacharelado em Matemática da USP de São Carlos. Mesmo ensinando disciplinas específicas, como Cálculo, Equações Diferenciais e Álgebra e com sua formação acadêmica de mestrado e doutorado na área de Equações Diferenciais Ordinárias, sua preocupação era o ensino e a aprendizagem de Matemática (Cavalari, 2013). Buscava participar de eventos na área de Educação Matemática e após a sua aposentadoria, em 1986, decidiu se dedicar exclusivamente à Educação Matemática, voltando a lecionar na Educação Básica e com uma inquietação “Por que meus filhos e meus netos aprendem matemática e a maioria dos alunos não quer aprender matemática?”, o que a moveu para pesquisar em Educação Matemática (Cavalari, 2013, p. 122).

Em 1989 a professora Lourdes ingressou como docente voluntária no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* Rio Claro, onde passou a trabalhar exclusivamente com temas da Educação Matemática a partir da orientação de trabalhos de mestrado e doutorado, escolhendo a Resolução de Problemas como seu principal objeto de estudo, algo que permanece até os dias atuais. Dessa forma, a sua preocupação continuou a mesma de quando se aposentou: como um aluno pode aprender melhor a Matemática que lhe é ensinada. Para isso, as suas pesquisas, na maioria dos casos, são voltadas para a sala de aula tanto da educação básica como para o ensino superior.

³ Atualmente, orienta alunos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* Rio Claro.

⁴ Informações retiradas do currículo lattes da professora.

⁵ Omar Catunda (1906-1986), foi um matemático, professor e educador brasileiro.

Outro fator que nos chama atenção sobre a trajetória da professora Lourdes é que, mesmo quando lecionou disciplinas de Matemática Pura ou Aplicada sempre tentou se aproximar com as discussões acerca do ensino-aprendizagem de Matemática, seja por meio de grupos de estudos, participação de eventos ou de cursos ministrados, tudo isso iniciado ainda na década de 1950 e que continua até os dias atuais.

Com essa rápida descrição pudemos exemplificar parte de sua vida profissional, com destaque de que sempre houve uma preocupação grande relativa ao ensino-aprendizagem de Matemática. Ao conhecermos essa trajetória ficamos instigados em discutir como alguém que possuiu tantas aproximações com a Matemática Pura e Aplicada se dispôs a pensar em Educação Matemática por exemplo, com contribuições para cursos de formação continuada para professores da educação básica, com participação em eventos sobre essa temática e com reconhecimento como docente preocupada com o ensino e aprendizagem dos seus alunos em um período em que a Educação Matemática não era representada em programas de pós-graduação no Brasil. Aliado a isso juntamos o fato de ser uma mulher que buscou os seus estudos, ingressou na carreira acadêmica e que passou por vários momentos de transformação das políticas públicas de educação que afetavam a forma de ensinar. Por fim, ressaltamos que é uma das referências no trabalho com Resolução de Problemas no Brasil e no mundo, o que demonstra as suas preocupações com o ensino atual.

Dessa forma, para que a proposta de discutir acerca da sua constituição como educadora matemática seja efetivada, realizaremos um estudo biográfico sobre a professora Lourdes de la Rosa Onuchic. Assim, para o presente texto, faremos uma exposição sobre o que entendemos por biografia, discutindo outras duas ideias que se fazem presente na nossa proposta de doutorado: o uso de História Oral como metodologia de pesquisa e a consulta do seu arquivo pessoal. Em relação a essa última traremos apontamentos mais aprofundados, discutindo como se desenvolvem os momentos de consulta ao arquivo, bem como sobre os pressupostos teóricos que subsidiam o nosso trabalho.

Alguns apontamentos sobre biografia

A biografia trata-se, em linhas gerais, de um texto redigido a partir da história de um indivíduo, de forma que sejam usadas para a sua elaboração documentos, relatos autobiográficos, narrativas de outras pessoas e, em alguns casos, narrativas orais do próprio biografado. Em suma, essa ideia é a que prevalece ao longo dos anos, mas em diferentes épocas o tratamento que lhe é dado é de uma maneira distinta.

Em um primeiro momento, a biografia servia para os antigos como uma maneira de consagrar alguma figura pública, a fim de imortalizar o personagem (Avelar, 2012). Dessa forma, foram constituídas, por exemplo, as hagiografias, um gênero da biografia voltado para imortalizar e enaltecer os santos e cânones da Igreja Católica (Albuquerque Jr., 2012). Para não nos alongarmos em vários períodos e discutir uma “história da biografia” daremos um salto até a década de 1960.

Conforme Avelar (2012), a partir dos anos 1960, a escrita biográfica passou a ser encarada de outra maneira, uma vez que voltou a existir uma preocupação com um lado mais humano para a escrita da história. Assim, por meio de processos mais

rigorosos de pesquisa que pudessem tornar visíveis a ação do homem e a estrutura social, buscou-se dar à história um caráter vinculado a um sujeito e a um meio a partir de uma relação dialética (Avelar, 2012). Com isso, as biografias passaram por um processo de democratização, no qual não apenas as grandes figuras são enaltecidas e as grandes virtudes de uma vida são tratadas, de forma que fosse construída a imagem de alguém que deveria ser conhecido pelas futuras gerações como um exemplo (Avelar, Schmidt, 2018). Dessa forma, para que esse cenário não se repita, a subjetividade deve ser retomada na composição biográfica, mas com a preocupação em confrontar outras fontes, pois existe a intenção de construir um discurso próximo da verdade. Por isso, não devemos deixar de fora dessa escrita os afetos, os modos de perceber, ver e sentir o outro (Avelar, 2012).

As preocupações com uma escrita linear e/ou que busca uma compreensão global da vida do biografado são pontos para ter atenção (Avelar; Schmidt, 2018). O biografado assume um papel muito mais importante. Para Albuquerque Júnior (2012), o indivíduo passa a ter outra configuração para a escrita biográfica, uma vez que ele é atravessado por vários processos, que faz com isso o molde e o transforme completamente. “Narrar uma vida hoje implica narrar as suas relações de semelhanças e diferenças com outros, sejam estes outros os humanos ou as mais diversas estruturas sociais que os moldam e os condicionam” (Albuquerque Jr., 2012, p. 33).

Para Silva (2002), o indivíduo narrado em uma biografia seria o fio condutor que levará à análise dos aspectos sociais. Assim,

As trajetórias individuais não se constroem simplesmente por meio dos relatos biográficos nos quais cada sujeito se converte em ideólogo de sua própria existência, selecionando certos acontecimentos significativos. Para compreender uma trajetória, seria preciso construir previamente os estados sucessivos do campo social em que ela se desenvolve, isto é, o conjunto de relações objetivas que unem o sujeito analisado e que o vinculam a outros agentes sociais (Silva, 2002, p. 32).

O sujeito a ser narrado acaba não é abarcado em sua completude e esgotamento no próprio sujeito, mas, conforme Albuquerque Júnior (2012), ele passa a ser entendido como alguém que é condicionado e moldado pelas estruturas sociais à sua volta. Assim, o trabalho do biógrafo sempre fica aberto, pois serão descobertas lacunas e que explicações múltiplas para as preencher poderão ser elaboradas. Dessa forma, concordamos com Avelar (2012) ao dizer que o biógrafo, ao terminar seu texto, pode acreditar que produziu um relato homogêneo e tornado com sentido a existência descontínua e fragmentada do biografado. Entretanto, o que foi construído estará submetido a uma pluralidade de olhares, referências e perspectivas. O leitor será aquele que desconstruirá a solidez que o autor imagina ter obtido em sua narrativa.

Para que ação do leitor ocorra o papel do biógrafo é importante, uma vez que é ele que irá consubstanciar uma existência, a partir de peças de um quebra-cabeças no qual busca juntar aquilo que está separado, a fim de elaborar um caráter do biografado (Oliveira, 2018). Assim, há uma busca por sentidos em relação ao vivido pelo biografado. Para que seja possível a construção dessas ideias, compreendemos que o uso da História Oral, da análise documental e de outras fontes ajudam na composição dessa escrita.

O uso da História Oral aliada a uma pesquisa biográfica

A ideia que temos de História Oral tem por base os pressupostos teóricos e metodológicos utilizados pelo Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem). Assim, a tomamos não apenas como uma metodologia de pesquisa rígida no que diz respeito aos seus procedimentos, uma vez que, conforme Garnica (2015a), ela pode ser entendida como uma trajetória, algo que está em constante construção e que é transformada a partir das especificidades das pesquisas para que seja possível *um modo* de compreender algo. O porquê tomamos decisões ao longo de nossas pesquisas e o fato de problematizarmos sobre as temáticas é que nos ajudam a entender as potencialidades metodológicas de realização do trabalho acadêmico.

Ao elaborar esse tipo de consideração sobre o pensar metodológico, entendemos que a História Oral tem a capacidade de motivar o surgimento de narrativas que são fontes de pesquisa. As narrativas são “[...] uma reconstrução da experiência a partir da qual, mediante um processo reflexivo, é possível atribuir significado ao vivido” (Garnica, 2015b, p. 182). Dessa forma, nós somos narrativas formuladas tanto de uma maneira externa, quando os outros nos olham e constroem narrativas sobre nós e, com isso, elaboram uma forma do ser, como interna, quando constituímos o mundo com base em nossos pressupostos (Garnica, 2015b).

A História Oral produz narrativas e, a partir dos pressupostos teóricos do Ghoem, constitui fontes orais que, em nosso caso, são tomadas como históricas. Nesse momento de elaboração das fontes orais, o pesquisador possui um papel de quem pode ajudar na constituição do que é dito.

Para a formulação dessa fonte histórica a partir da oralidade alguns procedimentos são tomados. Em nosso caso específico decidimos entrevistar a professora Lourdes Onuchic em momentos distintos e sobre diferentes temáticas. Assim, ora elaboramos roteiros de entrevista, ora apontamos temáticas para serem discutidas. Na sequência, gravamos o áudio das entrevistas e começamos a produzir uma narrativa escrita. Assim, passamos pelos processos de transcrição da entrevista, ou seja, uma tradução literal do que foi dito para uma forma escrita, e de textualização, que é a edição da transcrição, de tal maneira que as ideias sejam organizadas e alguns vícios de linguagem sejam suprimidos. Em seguida, iniciamos o processo de conferência das informações com a entrevistada, de forma que ocorram acréscimos, cortes ou reorganizações do que foi dito para que elaboremos o documento final. Por fim, será elaborada uma carta de cessão dos direitos para posterior publicação do trabalho.

Terminados esses momentos, o pesquisador necessita ficar imerso na narrativa elaborada e buscar atribuir significados ao que foi dito. Assim, conforme afirma Portelli (2016), o pesquisador precisa ser consciente de que as recordações que ocorreram durante a entrevista não constituem um momento de construção integral dos acontecimentos, mas que são elaborados e criados significados a partir da memória e do filtro da linguagem. Isso faz com a subjetividade faça parte desse processo, o que, segundo Garnica (2015b), é uma das benfeitorias da História Oral para o mundo acadêmico, pois agora trata-se não apenas de uma verdade absoluta ou um modo estático e engessado de definir as coisas, mas de possibilitar enxergar os modos de constituição do ser e a maneira como comunica os seus significados.

As narrativas produzidas a partir das fontes não tratam apenas do evento do qual se busca tecer significados, mas também do lugar e do significado que esse evento tem na vida do narrador, conforme afirmado por Portelli (2016). Assim, a interpretação ajuda na busca das subjetividades presentes nesses momentos.

Com base nesses pressupostos sobre História Oral compreendemos também a necessidade de conhecer outros materiais que ajudem a compor essa escrita biográfica. Dessa forma, exploraremos sobre a análise do arquivo pessoal da professora Lourdes, o qual contém materiais de vários cursos ministrados por ela, anotações relativas às suas participações em eventos, documentos pessoais, memoriais, livros, entre outros materiais.

Apontamentos sobre a pesquisa em arquivos pessoais

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.

Em cofre não se guarda coisa alguma.

Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fita-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,

isto é, estar por ela ou ser por ela.

Antônio Cícero

Para a realização da pesquisa de doutorado em que visamos discutir como a professora Lourdes de la Rosa Onuchic se constitui em uma educadora matemática nos valem também da análise de seu arquivo pessoal. Esse processo se encontra em execução desde meados de 2017 e é realizado concomitantemente às entrevistas, uma vez que acreditamos ser possível um enriquecimento para os dois momentos, ou seja, a partir das entrevistas e conversas conhecemos mais sobre o arquivo pessoal e vice-versa.

Porém, guardar documentos, anotações, livros e tantas outras coisas nos leva a pensar no porquê fazer isso e como alguém externo a essas escolhas pode buscar elaborar considerações acerca disso.

Ao mesmo tempo que para o pesquisador o olhar para um arquivo é um momento de descobertas, de curiosidade e de encantamentos, devemos ter em mente que para aquele que expõe as suas memórias serão retomadas, segredos serão (re)descobertos, emoções virão à tona, antigas expectativas e desejos poderão ressurgir, velhas práticas e costumes são repensados.

Olhar papéis guardados por pessoas comuns, como cartas, diários, autobiografias, agendas, cadernos, bilhetes, fotografias, cartões e postais, constitui-se em convite para leituras diversas. Para aquele que guardou, o reavivar de lembranças, um retorno ao passado. Para os que ainda virão, fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade,

de uma época. Para pesquisadores, em especial historiadores da educação, folhear esses papéis possibilita mais do que admirar (Mignot, 2003, p.5).

Ao pensar que devemos mais do que admirar esses objetos entendemos que existe uma multiplicidade de visões acerca deles, ou seja, a partir de onde olhamos ele nunca será o mesmo.

Não existe um objeto que, contemplado de diversos lugares, seja sempre o mesmo. Da mesma forma, não existe um fenômeno, acontecimento ou assunto que, considerado de perspectivas diferentes, não mostre aspectos antes não-visíveis ou visíveis mas não apreciados. Tudo depende, pois, da posição que adota aquele que olha. O lugar de onde se olha condiciona não somente o que se vê, mas também como se vê e o que se vê (Viñao, 2008, p. 15).

Quando analisamos a composição do arquivo pessoal devemos ter o entendimento de que não apenas o analisamos de maneira solta e desconexa de uma realidade. O ato de guardar torna tudo o que está preservado indicador de um momento e ajudam na constituição do próprio ser, dando sentido à sua vida, aos seus atos e contribui para pensamentos futuros. De acordo com Artières (1998 *apud* Reis (2014)):

Omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, colocamos em exergo certas passagens. Num diário íntimo, registramos apenas alguns acontecimentos, omitimos outros; às vezes, quando relemos nosso diário, acrescentamos coisas ou corrigimos aquela primeira versão. Na correspondência que recebemos, jogamos algumas cartas diretamente no lixo, outras são conservadas durante um certo tempo, outras enfim são guardadas; com o passar do tempo, muitas vezes fazemos uma nova triagem. O mesmo acontece com as nossas próprias cartas: guardamos cópia de algumas, seja em razão do seu conteúdo, seja em razão do seu destinatário. Numa autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas (Artières⁶, 1998, p. 11 *apud* Reis, 2014, p. 69).

Além da característica de moldar o ser, o seu arquivo pessoal possui a qualidade de levar a entendimentos acerca da conjuntura social, educacional e tantas outras por meio de estudos aprofundados sobre a sua composição. Em nosso caso, especificamente, os documentos, anotações, livros, entre outros, ajudam a entender os movimentos de Educação Matemática, a consolidação de uma área de pesquisa – a própria Educação Matemática –, a constituição como educadora Matemática de Lourdes de la Rosa Onuchic.

A escolha por guardar tais documentos, principalmente as produções autobiográficas, ou seja, as anotações, cadernos, materiais elaborados para cursos, entre outros, podem ser um sinal de que a sua história possa ser compartilhada com outros, não tendo apenas o significado para o próprio dono. Assim, esses escritos deixam as marcas das intenções de quem os guarda e os seus modos de ver o mundo, sendo produtores de singularidades.

⁶ ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. Estudos históricos, v. 11, n. 21. Rio de Janeiro: FGVCPDOC, 1998, p. 9-34.

Para que a análise do arquivo seja mais cuidadosa e criteriosa devemos lembrar que ao serem produzidas fontes autobiográficas a memória e a imaginação se confundem e, de uma forma ou de outra, como afirma Viñao (2000), o resultado é sempre uma ficção, uma vez que são retratadas impressões tanto do próprio autor como também daqueles que vivem ao seu redor.

Uma forma de facilitar a busca por entendimento em uma análise de produções autobiográficas é o conhecimento acerca de vários aspectos que rodeiam a situação, por exemplo, o contexto da escrita, os fatos e as pessoas citadas, além das intenções ou propósitos que motivaram essa escrita (Viñao, 2000).

Para Viñao (2000, p. 6), existem várias opções de trabalhos que podem ser realizados a partir da análise de composições autobiográficas, dentre elas:

- A reconstrução dos processos e modos de educação de uma geração ou grupo social em um dado momento ou contexto.
- O interesse em um aspecto específico que constitui um objeto de pesquisa (educação doméstica, trabalho infantil, primeiras leituras, a visão oferecida pelos professores ou juízos valorativos sobre o ensino recebido na universidade ou colégios religiosos, para dar alguns exemplos)
- A busca de semelhanças e diferenças nos modos de educação de diferentes gerações ou grupos sociais.
- A análise da autopercepção e modos de vida sócio-profissionais de professores e professores (Viñao, 2000, p. 6)⁷.

Em nosso caso especificamente, ao olharmos para as produções autobiográficas de Lourdes de la Rosa Onuchic almejaremos entender não somente a sua constituição como educadora matemática, mas vários dos aspectos sugeridos acima por Viñao. Além disso, compreendemos que toda a composição de seu arquivo pessoal se mostra importante e que ele deve ser levado em conta para que busquemos elaborar a nossa versão acerca do nosso tema de pesquisa.

Os arquivos pessoais, segundo Reis (2014), têm o potencial de revelar o que não se conhecia ou o que era invisível da história e do mundo social, uma vez que o pesquisador entra em contato com a intimidade da história e dos personagens envolvidos. Conforme esse mesmo autor, a aproximação com a intimidade de quem constrói o acervo se dá pelo fato de que não havia um caráter oficial na constituição desse arquivo, mas pela escolha do que guardar.

⁷ Traduzido de "La reconstrucción de los procesos y modos de educación de una generación o un grupo social en una época o contexto determinado.

– El interés por un aspecto específico que se constituye en objeto de investigación (la educación doméstica, el trabajo infantil, las primeras lecturas, la visión que se ofrece de los maestros y profesores o los juicios valorativos sobre la enseñanza recibida en la universidad o en los colegios de religiosos, por poner algunos ejemplos)

– La búsqueda de similitudes y diferencias en los modos de educación de generaciones o grupos sociales distintos.

– El análisis de la autopercepción socio-profesional y modos de vida de maestros y profesores".

A leitura e a atribuição de significados a esses documentos que compõem o arquivo pessoal da professora Lourdes Onuchic “[...] implicará pela busca de traduzir sinais, ler nas entrelinhas, captar alusões e dominar lacunas, dialogando com os relatos de investigações [...]” (Reis, 2014, p. 72). Isso consistirá em uma ferramenta importante para o exercício de uma escrita biográfica da professora.

Considerações finais

Para esse texto abordamos, ainda que de maneira breve, as fases iniciais da pesquisa de doutorado que estamos executando e realizamos um pequeno exercício de encontrar aproximações entre a escrita biográfica, História Oral e a análise de um arquivo pessoal.

Em nosso caso, a professora Lourdes de la Rosa Onuchic nos concedeu entrevistas e buscamos compreender a partir de sua visão os significados que foram atribuídos aos distintos momentos de sua vida. Não almejamos apenas uma interpretação em que exista um total distanciamento de nossa parte, mas aproveitamos a sua disposição em participar da pesquisa para que possamos entender a sua constituição como educadora matemática. Contudo, entendemos que é a partir do seu viver que podemos entender esse movimento. O constituir-se é tornar-se parte daquilo, algo que molde o seu caráter e influencie a sua forma de pensar e agir. Não se trata apenas de transformar-se em algo a partir de um título ou de uma conquista, mas é o ato de tornar aquilo a partir de uma vivência intensa. Lançando mão de uma metáfora, não podemos dizer que alguém se tornou careca a partir da perda de um determinado fio específico. É a queda de vários fios que ajuda a constituir o *ser-careca*.

Uma vez que a memória pode disparar perspectivas para a nossa pesquisa, tomaremos, como outra forma de constituição de um entendimento nosso acerca da temática, a análise do arquivo pessoal da professora Lourdes, o qual contém materiais de vários cursos ministrados pela professora e de congressos dos quais ela participou, livros, entre outros materiais. Esse momento ocorre simultaneamente à realização das entrevistas, uma vez que é necessário conhecermos mais sobre a entrevistada para elaborarmos questionamentos adequados. Assim, essa consulta nos permite uma reflexão sobre a constituição da docente como uma educadora matemática, fazendo o cotejamento entre as fontes, potencializando a escrita biográfica que será executada por nós.

No que diz respeito à análise do arquivo pessoal da professora Lourdes Onuchic e dos seus registros autobiográficos compreendemos, assim como Viñao (2000), que além de extrair características que são gerais e que se mostram em uma pluralidade de eventos, nos é possível pensar na inesgotável diversidade das experiências particulares. Assim, acreditamos que a escrita biográfica, a História Oral e a análise do seu arquivo pessoal potencializam entendimentos da História da Educação Matemática e da sua constituição em educadora matemática.

Referências

Albuquerque Jr., D. M. (2012.) O significado das pequenas coisas: História, prosopografia e biografemas. In: Avelar, A. de S.; Schmidt, B. B. (Org). *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, p. 15-38.

- Avelar, A. de S. (2012). Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: Avelar, A. de S.; Schmidt, B. B. (Org). *Grafia de vida: Reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, p. 15-38.
- AVELAR, A. de S.; SCHMIDT, B. B. (2018). (Org). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz.
- Cavalari, M. F. (2013) Lourdes Onuchic. In: Valente, W. R (Org). *Educadoras Matemáticas: memórias, docência e profissão*. São Paulo: Editora Livraria da Física, p. 113-126.
- Garnica, A. V. M. (2015a) História Oral em Educação Matemática: um panorama sobre pressupostos e exercícios de pesquisa. *História Oral*. Rio de Janeiro, v. 18, p. 35-53.
- Garnica, A. V. M. (2015b). O pulo do sapo: narrativas, História Oral, Insubordinação e Educação Matemática. In: D'Ambrosio, B. S.; Lopes, C. E. (Org.). *Vertentes da Subversão na Produção Científica em Educação Matemática*. Campinas (SP): Mercado de Letras, p. 181-206.
- Mignot, A. C. V. (2003). *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rede Sirius.
- Oliveira, M. da G. de O. (2018). Para além de uma ilusão: Indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, A. de S.; Schmidt, B. B. (Org). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, p. 59-72.
- Portelli, A (2016). *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz.
- Reis, D. A. de F (2014). *História da formação de professores de matemática do ensino primário em Minas Gerais: estudos a partir do acervo de Alda Lodi (1927 a 1950)*. 2014. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Silva, H. R. K da (2002). Considerações e confusões em de história oral, história de vida e biografia. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun.
- Viñao, A (2000). Las autobiografías, memórias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Teias – Revista da Faculdade de Educação*. Rio de Janeiro, UERJ, n. 1, jun.
- Viñao, A. (2008) Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos, In Mignot, A. C. V. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ.